

JENNIFER A. NIELSEN

O
TRONO DAS
SOMBRAS

TRILOGIA DO REINO
LIVRO 3

Tradução
Fal Azevedo

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2014



PRÓLOGO

TRÊS SEMANAS ANTES DA GUERRA

Ao longo da vida, tive a minha parcela de brigas — às vezes com os punhos, outras com facas, vez ou outra com uma espada. Enfrentei adversários com o dobro de meu tamanho, em média com duas vezes a minha altura e, como regra geral, mais feios do que jamais esperei ser. Mas nada nunca me preparou para a selvageria da discussão que agora acontecia em meu salão real.

— Trazê-lo para este castelo foi o maior erro da minha vida! — gritei. Meus punhos estavam cerrados com tanta força que parecia que as unhas perfuravam a pele. — E eu ordenaria seu enforcamento imediatamente, se seu pescoço valesse o preço da corda!

O alvo de minha ameaça era ninguém menos que Roden. Durante os poucos meses em que nos conhecemos, nós tínhamos passado por muita coisa juntos, inclusive por sua tentativa de me assassinar, duas vezes — três, se contarmos a ocasião da perna quebrada —, e eu ainda havia arriscado a vida para convencê-lo a voltar para Carthya como capitão de minha guarda. Evidentemente, tivemos nossa cota de desacordos. Mas nenhum deles chegava perto do nível da discussão naquele momento.

— E eu morreria com prazer — vociferou Roden —, se a ordem viesse de um rei menos tolo!

Interjeições de espanto ecoaram por todo o salão depois do insulto. Palavras como essa justificariam facilmente minha ordem para prendê-lo, mas não fiz isso. Ainda havia muitas coisas que precisavam ser ditas, ou vociferadas, se preciso.

— Você acha que sua posição como capitão nos torna iguais? — perguntei. — Você pode comandar nossos exércitos, mas não a mim! E eu os liderarei do meu jeito!

Roden apontou para minha perna direita, a qual o cirurgião ordenara que fosse mantida firmemente enfaixada por no mínimo mais algumas semanas.

— Você não pode liderar coisa alguma com uma perna quebrada.

— Então talvez você não devesse tê-la quebrado! — respondi.

— Eu devia ter quebrado seu queixo no lugar da perna! — rebateu Roden. — Assim não teria que ouvir suas ordens ridículas! — Mais murmúrios de espanto ecoaram entre os regentes na sala e entre os servos de passagem. Roden virou-se para eles a fim de continuar sua argumentação: — Nossos soldados estão espalhados por todo o país. Se Avenia nos invadir pelo sul, seremos trucidados.

Meu alto camareiro, lorde Kerwyn, se apressou em nossa direção e sussurrou:

— Meu rei, podemos continuar essa discussão na privacidade da sala do trono? Todos estão ouvindo.

Sim, era verdade. Não só as pessoas que estavam no salão real quando a discussão começou, mas muitas outras ouviram os gritos e vieram testemunhar a comoção com os próprios olhos. Kerwyn pode ter se sentido constrangido por mim, mas eu não tinha a intenção de tornar aquilo um assunto particular.

Dei um passo para me afastar de meu camareiro e disse:

— Não há o que continuar, lorde Kerwyn. O capitão de minha guarda acha que eu não deveria ter voz ativa na maneira como meus exércitos são treinados.

Kerwyn olhou para Roden, claramente horrorizado com seu desrespeito, mas Roden apenas franziu o cenho.

— Todos nos curvamos à vontade do rei, capitão. E você deve fazer o mesmo. — O tom de censura de Kerwyn foi duro o bastante para que Roden hesitasse.

Mas, antes que o capitão da guarda pudesse falar, eu disse:

— Não, Kerwyn. Não desejo que ele se curve a mim e, secretamente, insista que está certo. — Virei-me para Roden. — Se acha que pode treinar nossos homens melhor que eu, então o desafio. Leve quem quiser, treine-os da maneira que desejar. Ao fim do treinamento, compararemos os dois grupos. Você verá que tenho razão.

— Nunca! — vociferou Roden. — Vou começar o treinamento no pátio imediatamente.

— Não no meu pátio, nem em minha cidade!— revidei. — Se fizer isso, deixará Drylliad. Partirá com toda a sua arrogância e esperanças e só voltará quando finalmente entender o seu lugar.

Kerwyn pousou a mão em meu braço.

— Jaron, eu imploro para que pense no que está dizendo. Vocês dois devem fazer as pazes. Você ainda está ferido, e, se a guerra está realmente próxima, com certeza precisaremos de seu capitão conosco.

Eu simplesmente me livrei da mão de meu camareiro, inclinei-me para Roden e soltei:

— Saia.

Roden me encarou com uma raiva tão brutal, que fiquei preocupado. Em seguida, anunciou que partiria em uma hora, levando quarenta dos homens que lhe haviam sido designados. Apesar das coisas que tínhamos dito um ao outro, eu lhe desejava nada menos do que toda a sorte do mundo.

Eu o vi sair e então olhei ao redor, observando todos que se reuniram para assistir à nossa discussão. Eram membros antigos da corte, servos e cidadãos de meu país. E, possivelmente, ao menos um deles estava ali como espião de nossos inimigos e lhes informaria que os exércitos de Carthya estavam incompletos e divididos.

Desde o dia em que retornei do acampamento dos piratas, Carthya dera início a arranjos que aquela geração jamais vira. Estávamos armazenando comida, forjando armas e fortalecendo nossas defesas, mas, além disso tudo, a coisa de que eu mais precisava seria a mais difícil de conseguir: tempo.

Como se revelaria depois, tivemos ainda menos tempo do que eu esperava. Apenas três semanas depois, a guerra teria início...

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Recebi as notícias do ataque a Libeth ao pôr do sol, em um gramado próximo às muralhas do castelo. Diante de mim, estavam Kerwyn, Amarinda e Mott, mas eu mal os via.

Libeth era uma cidade pacata, bem isolada dos problemas que assolavam outros povoados próximos a Avenia. Seus cidadãos eram fazendeiros e comerciantes, e a invasão certamente não viera com o alerta adequado para que ao menos os mais fortes formassem uma defesa apropriada. Não consegui sequer imaginar o horror que a população enfrentara durante a noite, a destruição deixada depois da ofensiva. Pensar nisso me deixou sem ar.

E, tinha mais, Imogen fora levada durante o ataque.

Todos pareciam falar ao mesmo tempo, sem se dar conta de que minha cabeça estava cheia de perguntas que ninguém ali podia responder. Ela ainda estava viva? Se estivesse, tinha sido ferida? O que fariam com ela se achassem que isso podia me afetar? Porque essa certamente era a razão pela qual o rei Vargan enviara seus exércitos atrás dela.

Se Imogen ainda estava viva, Avenia exigiria nossa total rendição em troca da libertação dela. Sabiam que eu não poderia concordar com isso, então eu teria de tentar resgatá-la. Ela não passava de uma isca para eles, e eu, o grande prêmio.

Além disso, a guerra que eu aguardava por vários meses por fim chegara. Mas tudo o que eu havia planejado com tanto cuidado parecia irrelevante agora. Tampouco esperava essa notícia. E Kerwyn gradualmente piorava as coisas.

— Também acabamos de receber a notícia de que Gelyn e Mendenwal estão avançando pelo norte e pelo leste — disse ele. — Trata-se de um ataque coordenado e estamos cercados. Jaron, a guerra começou.

Todos voltaram a falar, mas não consegui ouvir nada do que diziam, ou pelo menos não conseguia distinguir uma palavra da outra. Era impossível compreender o que eles esperavam de mim.

Amarinda tocou meu braço.

— Jaron, você ficou pálido. Diga alguma coisa.

Olhei para ela sem de fato enxergá-la e comecei a me afastar.

— Me perdoem — murmurei. Então, eu me virei e corri, cegamente impulsionado por uma força interior que me obrigava a sair dali. Eu precisava de um lugar para pensar, para entender. Um lugar para respirar.

Corri a toda velocidade em direção ao castelo, apenas vagamente consciente da dor aguda que sentia na perna direita sempre que exigia demais dela. O osso que Roden fraturara ainda não havia se calcificado, e mesmo assim me forcei a seguir cada vez mais rápido. Acima de qualquer coisa, eu queria sentir a dor para dar vazão ao turbilhão de emoções em meu peito.

Servos e soldados não passavam de borrões ao meu lado enquanto eu corria. Eu não tinha certeza do lugar para onde me dirigia ou do que esperava encontrar lá. Apenas um pensamento se fixara em minha mente: Imogen fora sequestrada. E eles exigiriam tudo para libertá-la.

Rapidamente fui parar nos jardins reais, o único lugar em que conseguiria ficar sozinho. Na esperança de me esconder em um peitoril, tentei escalar as videiras da parede do castelo. Lá em cima eu poderia pensar. Se eu tivesse uma pausa, conseguiria colocar uma ordem em toda essa bagunça, para que o mundo voltasse a fazer sentido. Mas eu não estava nem na metade da parede mais baixa quando os músculos de minha perna direita enfraquecida cederam e caí no chão. Rolei e acabei parando sentado e recostado ao muro, e não fui adiante.

Talvez tivesse sido um erro ir para os jardins. Eu não encontraria mais resposta ali do que em qualquer outro lugar. Quando olhei ao redor, as paredes se agigantaram ao meu entorno. Fiquei tonto e não conseguia

concatenar as ideias. Pelo contrário, as preocupações, planos e escolhas serpenteavam em meu entorno como fumaça, sufocando-me da mesma forma.

— Majestade, perdoe-me por invadir sua privacidade.

Eu me levantei quando vi que Harlowe se aproximara. Depois de fazer uma reverência, ele deu um passo à frente.

— Pensei que apenas Avenia atacaria — eu disse. — Talvez Gelyn também, mas não Mendenwal. E não dessa forma.

— Nenhum de nós previu que isso acontecesse.

— Não há motivo para Vargan ter atacado Libeth. Destruir a cidade não lhe rendeu coisa alguma. — Imagens dos horrores que devem ter ocorrido naquela noite me vieram à mente mais uma vez. — Nada, exceto Imogen.

— Eu sei. — Harlowe umedeceu os lábios e então acrescentou: — Nós precisamos de suas ordens, senhor.

— De que ordens? — vociferei. Era irracional sentir raiva, especialmente dele, mas não consegui evitar. — Não posso lutar contra isso! Não tenho um plano para algo dessa magnitude. Eu não consegui nem ao menos *protegê-la*. Ela devia estar em segurança longe de mim. — Arregalei os olhos quando respirei fundo em busca de um alívio que não veio. — Não posso... não...

Harlowe colocou um braço em meu ombro e puxou-me para junto de si. Ele já me abraçara assim antes, ao perceber meu temor na véspera de minha ida ao acampamento dos piratas. Era o abraço de um pai em uma filho, e eu precisava desse conforto mais uma vez.

Apesar de todo o meu planejamento, o pensamento de que a guerra agora nos abatia me apavorava. Meu pai vira algumas batalhas na juventude, antes de ser coroado. De certa maneira, comecei a entender seu horror ao conflito. Talvez não fosse a fraqueza que o mantivesse longe das batalhas com os nossos inimigos, como sempre pensei. Talvez fosse simplesmente porque ele já havia pagado o preço da guerra.

Haveria um preço a ser pago se Carthya revidasse dessa vez — sempre havia. Eu tinha uma boa ideia do que isso poderia me custar, mas

nossas opções eram escassas. Enquanto eu tivesse força para empunhar uma espada, não aceitaria a derrota de minha nação.

Harlowe me manteve ali até eu me afastar, com a mente mais nítida e a certeza de que, se Carthya estivesse cercada por inimigos e sem chance de vitória, então pelo menos teríamos um final espetacular.

— Tudo bem — eu disse a Harlowe. — Vou apresentar meus planos em uma hora. Reúna todos os que precisam estar presentes.

2

Kerwyn sentou-se à minha direita na sala do trono, e Amarinda, à minha esquerda. Estavam ainda à ampla mesa Harlowe, Mott e Tobias, supostamente presente para representar os regentes. Na verdade, ele estivera comigo desde minha coroação, e eu queria ouvir seus conselhos. Além deles, eu não queria mais ninguém ali. Não até termos decidido os pontos fundamentais de nossa estratégia.

A meu pedido, Kerwyn inclinou-se para frente e começou a falar:

— Avenia vem avançando a partir do oeste e tem milhares de homens à sua disposição. Eles lutarão duramente e sem piedade, e por isso são o maior perigo para Carthya. Nossos espões também nos informam que há movimentação dos soldados de Gelyn. Temos de impedir que eles ultrapassem nossa fronteira ao norte. A cavalaria de Bymar pode nos ajudar a contê-los.

— Se Bymar vier — acrescentou Amarinda. — Meu país vai atender a nosso chamado, mas apenas se encontrarmos uma forma de avisá-los sobre o que está acontecendo aqui.

— Também devemos considerar Mendenwal — disse Mott. — Eles ainda não investiram contra nós, mas nossos espões estão certos de que o rei Humfrey ordenou que seus exércitos invadam Carthya.

Eu não esperava que Mendenwal fizesse parte do ataque. Dos três países que nos cercavam, Mendenwal era o mais civilizado, o menos agressivo e o que possuía as mais longas relações diplomáticas com Carthya. No entanto, o rei Humfrey e eu tivemos algumas desavenças no passado — eu o ferira na coxa anos atrás, depois de desafiá-lo para um duelo. Mas isso estava longe de ser motivo para uma guerra. Além do mais, ele teve o que mereceu.

Kerwyn certamente tinha mais dificuldade de aceitar essa notícia que qualquer um. Ele e Humfrey tinham visto muita coisa juntos ao longo dos anos e quase poderiam se considerar amigos. Ter Avenia como inimiga era ruim o bastante, mas Mendenwal me preocupava da mesma forma. Carthya não era capaz de suportar a força total de Mendenwal, mesmo se fosse o único agressor a enfrentar.

Comprimi os lábios e olhei para Kerwyn.

— Por que Mendenwal? Porque meu pai mentiu para eles? Ou tem algo além disso?

— Mandei-lhes cartas com pedidos de desculpas e explicações — respondeu Kerwyn. — Todas ignoradas.

— Não podemos nos dar ao luxo de tê-los como inimigo. O exército de Mendenwal é três vezes maior que o de Avenia.

— Mas eles podem ser persuadidos — disse Tobias. — Não são sanguinários como Avenia, tampouco desejam nosso ouro, como Gelyn.

Talvez fosse verdade, mas alguma coisa os arrastara para a guerra, e eu não sabia o que era. Voltei-me para Kerwyn.

— Você consegue fazer o rei Humfrey vir até aqui?

— Como? Se ele não responde minhas cartas...

— Você terá de viajar a Mendenwal e fazê-lo se lembrar da amizade de vocês. — Eu odiava ter de pedir tanto. Era uma viagem longa e aparentemente nos tornáramos inimigos agora. — Será arriscado.

Por algum motivo, esse aviso o fez sorrir.

— Se aprendi algo com o senhor, foi a assumir riscos.

— Obrigado, Kerwyn. — Com isso estabelecido, voltei-me para Mott. — Você e eu devemos tentar resgatar Imogen. Encontraremos o acampamento próximo a Libeth, onde a estão mantendo e então...

— Não.

Fiquei entorpecido.

— O quê?

Ele não hesitou.

— Não, Vossa Majestade. *Eu* tentarei resgatá-la. *Eu* irei sozinho, ou acompanhado por um regimento de soldados, se preferir. Mas o *senhor* não chegará nem perto do acampamento aveniano.

— Sim, eu vou! — Eu sempre me perguntava se Mott tomara como missão de vida opor-se a mim. Se assim fosse, ele devia se sentir muito bem por ser tão bem-sucedido. Eu suspeitava que, se eu escolhesse um casaco cinza, em vez de azul, ele encontraria uma razão para discutir sobre isso também.

— Eles estão esperando que o senhor vá resgatá-la — disse ele. — É uma armadilha.

— Você acha que não pensei nisso?

— Acho que o senhor escapou de algumas situações delicadas no passado e crê que é capaz de fazer isso de novo. Mas agora é diferente. Eles o conhecem e estarão preparados para os seus truques. Se entrar naquele acampamento, não sairá vivo de lá.

Fiquei de pé, balançando furiosamente a cabeça.

— Se estão me esperando, então você não está a salvo indo até lá.

— É um risco que estou determinado a correr.

— Mas eu não! — clamei. — Você não cairá em uma armadilha armada para mim! Você não vai morrer por mim!

Não tinha havido uma única notícia de Roden desde que eu o enxotara, três semanas antes. Até onde eu sabia, ele tinha ido embora. E agora talvez Imogen também tivesse. O pensamento de algo acontecendo a outro de meus amigos me apavorava. Se ele realmente se desse conta disso, pararia de discutir e me deixaria fazer as coisas do meu jeito.

Diante de minha frustração, Mott tentou manter a calma. Ele comprimiu os lábios e disse:

— Meu dever principal é você, Jaron, e eu irei em seu lugar com prazer. Mas o seu principal é este país, não ela.

Isso só aumentou minha raiva ainda mais.

— Não me dê lições sobre dever! O que mais tenho feito na vida, além do meu dever? Desapareci em nome do dever e retornei pela mesma razão, e vou lutar nesta guerra porque é meu dever fazer isso. Não importa quanto desejei fazer o contrário, cada vez que o dever me chamou, eu respondi. Mas desta vez não. Eu vou com você!

O silêncio se abateu sobre a sala. De canto de olho, vi Amarinda abaixar a cabeça e imediatamente me arrependi de minhas palavras. Nosso noivado também era um dever.

Tobias pigarreou para chamar nossa atenção e então disse:

— Mott tem razão. Jaron, você deve chamar Roden de volta. E mandá-lo para Libeth.

À menção do nome Roden, todos ficaram quietos de novo. Desde a nossa discussão, recusei-me a falar dele em público. Naquela noite não seria diferente.

— Roden não pode ter nenhuma participação no resgate de Imogen — eu disse duramente.

Isso deveria ter sido o fim da conversa, mas Tobias me pressionou mais.

— Apesar da briga que tiveram, ele ainda é o capitão de sua guarda. Se estamos em guerra, deve chamá-lo de volta.

Felizmente, Mott interveio em minha defesa.

— Se Roden estivesse pronto para liderar, nunca teria nos abandonado. Deixe Jaron ser o líder.

Respirei fundo antes de continuar:

— O último ponto é como proteger a princesa. Eles levaram Imogen porque era uma presa fácil. Não vamos arriscar a vida de Amarinda.

Ela arregalou os olhos, como se não tivesse se dado conta de que corria perigo também. Então deu uma olhada para Tobias, que lhe abriu um sorriso triste, depois voltou a atenção para mim.

— Quero manter a batalha longe de Drylliad — falei. — Mas, se souberem que estamos aqui, este castelo se tornará a prioridade máxima deles. Você deve partir para um local mais seguro.

— Ela poderia ir a Farthenwood — sugeriu Tobias. — Poderíamos escondê-la nas passagens secretas, se necessário.

— Eu preferiria ir para a casa de minha família em Bymar — disse Amarinda. — Alguém precisa trazer o exército deles para lutar na fronteira de Gelyn. E eles vão me ouvir mais do que a qualquer outra pessoa.

— Mas você não pode chegar a Bymar sem passar por Gelyn ou Avenia — falei. Nenhum dos dois lugares era uma rota segura.

Sem piscar, ela respondeu:

— Eu devo ir. A rota mais rápida é por Avenia, onde eu poderia pegar um navio de Isel. Talvez possa passar em segurança se estiver escoltada por soldados.

Sorri para ela. Amarinda era mais corajosa do que eu imaginara e estava certa. Bymar responderia a seu chamado sem hesitar.

— Qualquer escolta forte o bastante para protegê-la certamente levantaria suspeitas — avisou Kerwyn. — E, quando estiver em Avenia, chamará mais atenção ainda.

— Concordo. — Mott se inclinou para frente e entrelaçou os dedos. — Infelizmente, a senhora estará mais segura com a escolta mais discreta possível.

— Bem, então sou eu que devo ir — disse Tobias sem rodeios, como se finalmente tivesse aceitado o que todo mundo já sabia, que ele jamais seria um guerreiro. E então acrescentou: — Ninguém acreditaria que fui o único a ser enviado para proteger a princesa. Jaron, poderíamos usar a carruagem de fuga.

Numa madrugada, quando estávamos cansados demais para ter qualquer ideia sensata, Tobias e eu começamos uma discussão. A carruagem de fuga nasceu de uma brincadeira, com ambos fantasiando sobre como um dia eu poderia dar um pulo em Avenia para passar uma tarde na praia, e na melhor das hipóteses era uma ideia completamente ridícula.

— O que é essa carruagem de fuga? — perguntou Amarinda.

— Ela foi projetada para parecer uma carroça da igreja que leva doações aos enfermos e miseráveis — respondeu Tobias. — Vai parecer carregada apenas de comida e suprimentos, mas há um compartimento secreto na parte de baixo onde podemos nos esconder, se preciso for.

Balancei a cabeça.

— Era só uma brincadeira, não um plano de fuga real. Não é seguro o bastante.

— Há prioridades maiores que a segurança — argumentou Amarinda.

— Não para você — respondi severamente.

— Quando sua segurança foi prioridade ao se tratar de proteger Carthya? — rebateu ela. — E eu não sirvo para nada além de decoração

quando ando por aí de braço dado com você? Temos de conseguir o apoio de Bymar, e eu sou a melhor opção para isso.

— Você e Tobias? Sozinhos em Avenia? — Aquilo era um absurdo.

— A carruagem não é uma brincadeira — afirmou Tobias. — Eu a projetei e a construí.

Virei-me para ele.

— Quando?

— Enquanto você cuidava de sua perna. Queria provar que era possível. — Tobias inclinou-se para frente. — Olhando para a carruagem pelo lado de fora, você jamais diria que tem um piso falso. Isso vai protegê-la. *Eu* vou protegê-la.

Tudo em mim lutava contra aquela ideia. Mas, no fim, eu sabia que nossas opções eram restritas, e nenhuma delas parecia boa de fato. Se Avenia fora capaz de raptar Imogen, que supostamente não tinha ligação comigo, eu nem ousava imaginar o que seriam capazes de fazer com a nossa futura rainha. Se Amarinda conseguisse chegar a sua terra natal, em Bymar, estaria segura, independentemente de quem vencesse a guerra.

Relutantemente, dei minha permissão e disse:

— Preparem-se para partir ao alvorecer. E quero que levem Fink com vocês. — Fink era um garoto aveniano que eu trouxera comigo do acampamento dos piratas. Ele fazia perguntas demais, não prestava atenção em nada por mais de alguns minutos e parecia querer falar o maior número de frases que conseguisse reunir a cada fôlego que tomava. Mas, na minha opinião, o garoto agora era da família, e eu precisava me certificar de que ele também estaria em segurança.

Não sem hesitar, Tobias concordou, e então voltei ao meu lugar para dirigir-me a todos eles.

— Tudo deve ser feito com a maior rapidez. Nossos exércitos são fortes, mas os deles também. Cada dia que passamos em guerra, nosso inimigo cava nossas terras mais fundo e aterroriza ainda mais o nosso povo. Com três países contra nós, não podemos sobreviver a eles por muito tempo. Quero uma guerra medida em semanas, não em meses.

Cabeças acenaram concordando comigo, embora nenhuma tivesse uma ideia melhor que a minha sobre como conseguiríamos fazer isso. Eu só sabia que precisávamos encontrar um jeito.

— Não há nada que queira de mim? — perguntou Harlowe. Era a primeira vez que ele falava na reunião.

Virei-me para ele e respirei fundo.

— Sua missão pode ser a mais difícil de todas. Um aviso deve ser divulgado pelo reino, sobretudo para as casas fora das cidades. Convide qualquer pessoa que queira vir a Drylliad. Aqui lhes ofereceremos um lugar dentro da segurança de nossas muralhas. Em troca, todos os homens fisicamente capazes devem se preparar para lutar em defesa da capital. Aqueles que não podem lutar terão de ajudar da forma que você pedir.

Harlowe assentiu e disse:

— Os regentes sugeriram que ofereçamos a liberdade para qualquer prisioneiro disposto a lutar por Carthya.

— E quanto a Conner?

Mesmo que ele fosse a última esperança de Carthya, eu não ousaria colocar uma faca na mão daquele homem. Bevin Conner provavelmente protestaria até o dia de sua morte dizendo que ainda era patriota. Mas nunca me convenceria de que não usaria sua arma contra nossos próprios homens e depois encontraria um jeito de justificar seu ato em nome do patriotismo.

— Nós não vamos libertá-lo, claro. Sobretudo não agora. — Harlowe pigarreou, como se as palavras prestes a passar por seus lábios o deixassem desconfortável. — Acabamos de saber que ele está enviando informações para além de nossas fronteiras a alguém desconhecido.

Estreitei os olhos.

— Quais informações?

— A mensagem que interceptamos descreve os detalhes de sua discussão com o capitão Roden. Certamente, houve outras antes dessa.

— Permita que seja entregue — eu disse. — E rastreie. Quero saber com quem Conner está falando.

— Como desejar — respondeu Harlowe. — Meu rei, Drylliad permanecerá erguida até que retorne em segurança.

Apenas abaixei os olhos. Quando os ergui novamente, Amarinda me encarava com uma expressão preocupada. Ela abriu a boca para dizer algo, mas Kerwyn se adiantou:

— Majestade, não me darei o trabalho de protestar quanto aos riscos que está correndo — disse ele de maneira cansada. — Sei que não vai adiantar. Mas, se realmente pretende dar continuidade a seu plano, então há uma coisa que devemos discutir. Faremos tudo o que pudermos para protegê-lo, mas...

— É uma armadilha, eu sei.

Kerwyn inclinou-se na minha direção.

— Depois da morte de sua família, Carthya quase entrou em guerra civil. O senhor não pode partir sem nomear um herdeiro para o trono.

Acenando com a cabeça para Amarinda, falei:

— Deve ser Amarinda, naturalmente.

Mas ela negou com a cabeça.

— Um cartiano deve ser nomeado sucessor. Não eu.

— Isso é ridículo. Você pode não ter nascido aqui, mas é tão cartiana quanto eu.

— Estou aqui para selar o trato entre nossos países, nada mais — disse ela tranquilamente. — Seu povo me aceitará como a esposa de seu rei, mas não como sua única governante.

— Embora os dois sejam jovens, há outra possibilidade. — O tom de voz de Kerwyn era cauteloso agora, preocupado em não forçar demais a barra. — Se estivessem casados e algo acontecesse ao rei, Amarinda automaticamente assumiria o trono como rainha. Ninguém poderia questionar a legitimidade de seu governo nesse caso.

Amarinda e eu nos entreolhamos, espantados com a sugestão que nenhum de nós havia considerado e que certamente não estávamos preparados para responder. Houve outros monarcas que se casaram ainda mais novos e geralmente em tempos de desespero como o que enfrentávamos agora. Mas a sugestão tinha sido tão repentina. Eu sabia que

precisava dizer alguma coisa, e rápido. Mas mesmo assim as palavras ficaram presas em minha garganta.

Hesitei por muito tempo e Amarinda tomou a frente.

— Nada disso será necessário, porque Jaron voltará dessa empreitada.

— Talvez não. — Era tolo fingir que não existia essa possibilidade.

E Carthya precisava de um governante. — Nós devemos nos casar — eu disse a ela. — Esta noite. Para preservar o seu reinado.